



Evento: Salão do conhecimento: XXI Jornada de Extensão, XXVIII Seminário de Iniciação Científica

BEM VIVER COMO ALTERNATIVA DE ENFRENTAMENTO DA CRISE AMBIENTAL PELA SUSTENTABILIDADE¹

THE ENVIRONMENTAL CRISIS OF THE RISK SOCIETY: THE SEARCH FOR ENVIRONMENTAL JUSTICE AND SUSTAINABILITY

¹ Projeto de pesquisa desenvolvido na Unijuí

² Bolsista UNIJUI; estudante do curso de Direito; acadêmica do 2º semestre.

³ Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR). Mestre em Direito (UNISC) Professor do Programa de Pós-Graduação em Direito e do curso de Graduação em Direito (UNIJUI). Coordenador do Grupo de Pesquisa (CNPq): Direitos Humanos, Justiça Social e Sustentabilidade. E-mail: danielr@unijui.edu.br

RESUMO

O tema da presente pesquisa aborda a crise ambiental no atual contexto, bem como a importância do desenvolvimento sustentável como alternativa para a sociedade atual, buscando construir uma sociedade de relações solidárias e sustentáveis, compreendendo a natureza como sujeito de direitos e a perspectiva de vida digna para as pessoas em equilíbrio com a natureza. Experiências de outras sociedades no âmbito da América Latina contribuem para a revisão do atual modelo de vida com enfoque no modelo capitalista de produção e consumo, emerge como possibilidade na efetivação de sociedades sustentáveis, cujo enfoque no bem viver, substitui o atual modelo extrativista de acumulação.

Palavras-chave: Sustentabilidade, Bem Viver, Direitos da Natureza, Direitos Humanos.

INTRODUÇÃO

A análise da temática orienta-se na temática do bem viver, frente o atual cenário de desenvolvimento e as perspectivas de sustentabilidade. Nesse sentido, o objetivo do estudo é analisar a abrangência do conceito de bem viver, em equilíbrio entre sujeito e sociedade, bem como homem e natureza, apresentando um diálogo de ações e vontades, que necessitam de mudanças profundas, no intuito de superar as desigualdades e a forma como é promovido o desenvolvemos com enfoque na sociedade de consumo.

O bem viver não está relacionado apenas ao conforto, mas significa que o bem viver está relacionado com o conjunto dos elementos que tornam possível a vida, como a sociedade e suas interações, a igualdade, a cidadania, o equilíbrio a harmonia entre a natureza e os seres vivos. Pode-se identificar características dos tempos medievais ainda estão presentes na sociedade contemporânea, em sistema estratificado e segregador, conforme o autor Acosta, muitos desses



pesadelos permanecem assustadoramente reais para milhões e milhões de homens, mulheres e crianças e, cada vez mais, marginaliza massas de seres humanos de suas supostas vantagens. Nem sequer a fome – que não é uma questão de falta de alimentos, mas sim de consumo exagerado, por pessoas que deveras só se importam consigo mesmas. (19-ACOSTA 2016). Neste sentido o presente trabalho, busca uma análise da crise socioambiental e identificar práticas sustentáveis, como alternativas ao modelo de vida e consumo que provoca o esgotamento dos bens da natureza, bem como da iniquidade de acesso, bases do mal estar para muitos e da fartura para alguns poucos, com enfoque no extrativismo e destruição da natureza.

METODOLOGIA

Esta pesquisa desenvolve-se com investigação e análise bibliográfica, realizada através de leituras de livros, documentos disponíveis em sites identificados com o tema em estudo. O presente texto reflete estudos empreendidos no Grupo de Pesquisa em Direitos Humanos, Justiça Social e Sustentabilidade, neste período desenvolvidos de forma voluntária e na pretensão de qualificar a pesquisa para o reconhecimento institucional, e no âmbito das possibilidades alcançar o apoio de uma bolsa de pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A perspectiva de tratar a natureza como sujeito de direitos emerge como um tema novo, e requer a contextualização na América Latina. O debate emerge com enfoque nas demandas da crise ambiental e como resposta das comunidades tradicionais, especialmente em países como Equador e Bolívia. Muitas pessoas confundem o bem viver com o “viver melhor”, incentiva a disputa e não a harmonia, deixando transparecer que o enfoque apenas retrata a preocupação com a desigualdade, onde poucos viverem numa classe média alta, opulenta, de alto consumo e outros vivem na extrema miséria. Outro exemplo é o salário mínimo, onde governantes que exercem a profissão, mas recebem salários exorbitantes, vários tipos de auxílio e vantagens, que permitem que os mesmos possam guardar o seu salário, sem ter que gastar com as despesas pessoais, pois são providas através de vantagens pessoais. Por outro lado, grandes grupos sociais desvalorizados, invisibilizados pelo sistema econômico, sobrevivem com salário insuficiente para satisfazer as necessidades básicas, muitas vezes passando necessidades, pois



com o valor recebido, mal dá para sobreviver e sustentar uma família, pagar aluguel comprar gás, pagar as contas e se alimentar. Acosta destaca em sua obra que o Bem Viver sinaliza uma ética da suficiência para toda a comunidade, e não somente para o indivíduo. (ACOSTA, 2016, p.27).

Como resultado, pode-se afirmar que um problema estrutural é o modelo de desenvolvimento, onde na sociedade atual, é perceptível que não só no Brasil, mas em vários outros países, o desenvolvimento é desigual, promove crescimento que não distribui seus benefícios. Outro problema significativo é o consumo exagerado. O ator refere que as pessoas compram muitas vezes coisas que acabam não usando e consumindo, pelo simples fato de se importarem com elas mesmas. Um exemplo disso é bem claro quando acontecem promoções em mercados, a pessoa chega e leva para além de sua necessidade, deixando de lado a importância com as outras pessoas e suas necessidades, e, muitas vezes, as coisas acabam estragando, ficando muito tempo paradas e acabam indo parar no lixo, sem ao menos, terem sido sequer notadas. As pessoas não percebem, mas acabam prejudicando o meio ambiente, consequência da necessidade de matéria prima, bem como pressionando elevação de valores pelo alto consumo. Tal estilo de vida consumista e predador, ademais, está colocando em risco o equilíbrio ecológico e a própria resiliência do planeta Terra. Conforme aponta o autor, somos a civilização da desigualdade, num sistema de valores, num modelo de existência.

Assim, deve-se perceber em que consiste a verdadeira sustentabilidade e seus benefícios para a qualidade de vida humana e para a natureza. Ao longo da história da humanidade, houve muita luta social e política, em busca do bem-estar, pelo consumo cada vez maior. Entretanto este modelo não representa o bem viver. Existe um conjunto expressivo de direitos para evitar a pobreza, a devastação ambiental que o autor refere, como lutas pela dignidade e possibilidades de existência das futuras gerações. Direitos Humanos, o centro está na pessoa. Entretanto a existência humana, hoje encontra-se ameaçada pelos impactos impostos ao ambiente natural, em decorrência do estilo de vida consumista e extrativista. A vida da natureza está em risco e requer mudanças profundas. A visão antropocêntrica necessita dar lugar para uma perspectiva biocêntrica e solidária, superando a visão individualista e individualizada, priorizando direitos coletivos, entre os quais se inclui o direito a que os seres humanos gozem de condições sociais



equitativas e de um meio ambiente saudável e equilibrado, favorecendo as infinitas formas de vida presentes na natureza, que promovem a existência para presentes e futuras gerações.

Na visão de Acosta, o bem viver é, pois, uma tarefa de (re)construção, de modo universal, em sua versão de desenvolvimento, sendo o bem viver como uma oportunidade para construir coletivamente novas formas de vida. Não se trata simplesmente de um receituário materializado em alguns artigos constitucionais ou dogmáticos. Em tese, deve ser considerado uma alternativa, chamado de desenvolvimento alternativo. Mas muitas comunidades, incluindo as indígenas ainda sofrem muito preconceito presos por uma ilusão do crescimento infinito, num planeta finito, da expansão dos índices de produção e produtividade que não se convertem em melhoria das estatísticas de justiça social e bem estar, de modelos que não impactem o ambiente natural para além da necessidade. Natureza não é commodity, é estrutura vida na qual a vida se reproduz.

Acosta demonstra que, o mau desenvolvimento, pode levar ao colapso civilizatório, e esse reflexo das más escolhas ameaça a todos.

Faz-se necessário descolonizar as ideias e as práticas, utilizando estratégias que vão além de uma transformação aparente, mas que implique deixar de ser colonializado e aponte uma mudança de paradigma na construção ou criação de outros sistemas de vida, numa transição, superação e emancipação por meio de alternativas sustentáveis.

É difícil visualizar as mudanças necessárias num horizonte a curto e médio prazo. Pode parecer bastante utópico, mas o esgotamento está transbordando de todos os lados, seja o esgotamento climático, somático ou psicológico. Temos muito a aprender com os povos indígenas para desenvolver uma economia que seja mais da suficiência do que do excesso. Só assim teríamos uma mudança de fato estrutural. Esses processos são longos, ainda falta uma alteração cultural mais profunda. No mesmo sentido, Gudynas afirma que a construção de novas formas de vida e valores se coloca como tema urgente. A crise aponta que não há tempo a perder. As crises ecológicas e sociais são graves na América Latina. Embora ainda haja riqueza de flora, fauna, paisagens, biodiversidade, há um processo voraz de extrativismo e destruição. (DUDYNAS, 2019, p.312)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordou-se a temática da crise social e ambiental na sociedade contemporânea, dos direitos da Natureza, como um sistema vivo que dá suporte para toda a biodiversidade, incluso o ser humano, apontando para a proposta do bem viver, como alternativa ao modelo capitalista, reduzindo os impactos socioambientais decorrentes do modelo consumista e extrativista, com a pretensão de identificar elementos constitutivos de um novo paradigma para as sociedades, qual seja, o desenvolvimento sustentável como perspectiva de minimizar a crise ambiental.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Ed. Elefante, São Paulo, 2014.
- GUDYNAS, Eduardo. Direitos da Natureza: Ética Biocêntrica e política ambientais. Ed. Elefante, São Paulo, 2019.